

COLEÇÃO

EM BUSCA DA POLÍTICA

OBRAS REUNIDAS DE MARIA CÉLIA PAOLI

**SUJEITOS POLÍTICOS
NA FORMAÇÃO
SOCIAL BRASILEIRA**
Maria Célia Paoli



REITORA Ana Beatriz de Oliveira
VICE-REITORA Maria de Jesus Dutra dos Reis
DIRETOR DA EDUFSCAR Wilson Alves-Bezerra

EdUFSCar – Editora da Universidade Federal de São Carlos

CONSELHO EDITORIAL Ariadne Chloe Mary Furnival
Claudia Maria Simões Martinez
Edenis Cesar de Oliveira
Evandro Marsola de Moraes
José da Costa Marques Neto
Nataly Carvalho Lopes
Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva
Rejane Cristina Rocha
Wilson Alves-Bezerra (Presidente)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
Editora da Universidade Federal de São Carlos
Via Washington Luís, km 235
13565-905 - São Carlos, SP, Brasil
Telefax (16) 3351-8137
www.edufscar.com.br
edufscar@ufscar.br
Twitter: @EdUFSCar
Facebook: /editora.edufscar
Instagram: @edufscar

COLEÇÃO

EM BUSCA DA POLÍTICA

OBRAS REUNIDAS DE MARIA CÉLIA PAOLI

**SUJEITOS POLÍTICOS
NA FORMAÇÃO
SOCIAL BRASILEIRA**
Maria Célia Paoli

Joana Barros
Fábio Sanchez
Diego Azzi
Guilherme Nafalski
(ORGANIZADORES)



© 2023, Mariana Paoli

Imagem da capa

Henrique Parra

Capa

Alyson Tonioli Massoli

Projeto gráfico

Vítor Massola Gonzales Lopes

Preparação e revisão de texto

Marcelo Dias Saes Peres

Andresa Cristina Silva Pereira

Isabela Santos de Freitas

Michelle Silva Veloso Bueno

Livia Damaceno

Editoração eletrônica

Alyson Tonioli Massoli

Marcela Rauter de Oliveira

Coordenadoria de administração, finanças e contratos

Fernanda do Nascimento

Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da Biblioteca Comunitária da UFSCar

P211s Paoli, Maria Célia.
Sujeitos políticos na formação social brasileira / Maria
Célia Paoli ; Fábio José Bechara Sanchez (org.) ... [et al.]. --
São Carlos : EdUFSCar, 2023.
253 p. -- (Coleção Em busca da política).

ISBN - ?

1. Sociologia política. 2. Sociologia brasileira. 3.
Pensamento social brasileiro. 4. Trabalho. 5. Movimentos
sociais. I. Título.

CDD - 306.2 (20#)
CDU - 301.188.3:32

Bibliotecário responsável: Ronildo Santos Prado - CRB/8 7325

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônicos ou mecânicos, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema de banco de dados sem permissão escrita do titular do direito autoral.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

MARIA CÉLIA PAOLI: PRESENÇA E O FAZER-SE DE UMA REFLEXÃO COMO FORMA DE AÇÃO POLÍTICA 7

Fábio Sanchez, Joana Barros, Diego Azzi e Guilherme Nafalski

PARTE I – FORMAÇÃO SOCIAL BRASILEIRA E SEUS SUJEITOS

ABERTURA

MARIA CÉLIA: UM CONVITE A “PENSAR SEM CORRIMÃO” 19

João Carlos Cândido

MEMÓRIA, HISTÓRIA E CIDADANIA: DIREITO AO PASSADO (1992) 27

REPÚBLICA: HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA (1990) 31

O SENTIDO HISTÓRICO DA NOÇÃO DE CIDADANIA NO BRASIL: ONDE FICAM OS ÍNDIOS? (1983) 53

VIOLÊNCIA E ESPAÇO CIVIL (1982) 67

AMORES CIDADINOS E A ORDENAÇÃO NO MUNDO PÁRIA: AS MULHERES, AS CANÇÕES E SEUS POETAS (2004) 75

PARTE II – TRABALHADORES, SUJEITOS DE DIREITOS

ABERTURA

MARIA CÉLIA PAOLI, OS TRABALHADORES E A CRENÇA NOS DIREITOS 96

José Sérgio Leite Lopes

OS TRABALHADORES URBANOS NA FALA DOS OUTROS: TEMPO, ESPAÇO E CLASSE NA HISTÓRIA OPERÁRIA BRASILEIRA (1987) 125

TRABALHADORES E CIDADANIA: EXPERIÊNCIA NO MUNDO PÚBLICO NA HISTÓRIA DO BRASIL MODERNO (1989)	163
FAMÍLIA OPERÁRIA: NOTAS SOBRE SUA FORMAÇÃO HISTÓRICA NO BRASIL (1992)	193
OS DIREITOS DO TRABALHO E SUA JUSTIÇA: EM BUSCA DAS REFERÊNCIAS DEMOCRÁTICAS	219
SOBRE A MARIA CÉLIA	243
CRONOLOGIA DA PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA	247
SOBRE OS AUTORES	251

APRESENTAÇÃO

MARIA CÉLIA PAOLI: PRESENÇA E O FAZER-SE DE UMA REFLEXÃO COMO AÇÃO POLÍTICA

Fábio Sanchez, Joana Barros, Diego Azzi e Guilherme Nafalski

Durante décadas, Maria Célia Pinheiro Machado Paoli foi uma presença e fez parte intensamente do fazer-se das ciências sociais brasileiras. Sua instigante e preciosa obra, referida a uma tradição de trabalho do pensamento como forma de ação política, foi construída ao longo de sua vida acadêmica e intelectual vinculada à universidade pública, fruto de pesquisas, de leituras e estudos sobre temas e questões candentes e fundantes da formação brasileira e do contexto político em que vivia, ao lado de trabalhos com uma perspectiva de elaboração/ aprofundamento de aspectos teórico-metodológicos que apontavam, no seu fazer, a uma renovação das ciências sociais brasileiras. Sua obra variada tens como traço comum a inquietação com seu tempo presente e ser produto de interlocução intelectual com seus pares, seus alunos e ainda com público mais amplo com os quais mantinha contato.

Em diálogo constante com as questões e perguntas de seu tempo, o trabalho de Maria Célia Paoli oferece pistas importantes que seguem contribuindo para compreensão da formação social brasileira e das questões das ciências humanas em seu tempo. Apesar de densidade acadêmica e presença nas ciências sociais brasileiras nas últimas décadas, Maria Célia Paoli, mesmo tendo uma produção rica e diversificada, tem sua obra pouco sistematizada e, de certa maneira, dispersa em diferentes espaços de debate acadêmico e intelectual. Muitos de seus textos e comunicações estão publicados em coletâneas temáticas, anais de congressos e seminários, revistas acadêmicas e livros organizados por colegas e interlocutores com os quais ela trabalhou ao longo de sua vida.

Em vista disto, achamos oportuno reunir parte desta produção em um conjunto de livros como forma de dar seguimento àquilo que Maria Célia elegera como um dos centros de sua atuação: a produção intelectual feita em diálogo com os outros.

Assim, passado algum tempo de sua morte, ocorrido em abril de 2019, temos a honra e a alegria de tornar público esta coleção de textos de Maria Célia

Paoli, publicados nesta coleção *Em busca da política*, resultado do trabalho conjunto entre os membros do grupo *Embuscados* e a EdUFSCar.

Estes volumes começaram a ser gestados já há alguns anos como um diálogo entre os autointitulados *embuscados*¹ – grupo de orientandos do período final de sua atuação como docente da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) – em torno das questões que animavam e organizavam aquele grupo. *Embuscados* é uma corruptela de “Em busca da Política” – nome que Maria Célia mesma deu a este que foi o último grupo de alunos e orientandos na FFLCH-USP. Éramos alunos de mestrado ou doutorado, pesquisadores-professores em formação, que nos reuníamos para discutir os caminhos, formas, momentos por onde a política se fazia, através de discussões de textos de autores/as comuns e de nossas pesquisas. Mais precisamente, estávamos interessados justamente nas possibilidades que eram constituídas por sujeitos políticos num contexto de indistinção, ou no *mundo do indistinto*, como Maria Célia nomeou os tempos que vivíamos/vivemos em seu último texto publicado.² Nestes “tempos sombrios”, por meio das frestas ou veredinhas, estes muitos de nós, em luta, se constituíam coletivamente como sujeitos.

Estes dois volumes são resultado da intenção de dar continuidade a essa maneira de produzir conhecimento e perenizar seu legado no debate público.

Da produção intelectual de Maria Célia Paoli emerge uma compreensão do país que não se acomoda às grandes teorias ou macroexplicações e debruçando-se sobre a experiência concreta dos sujeitos no tempo, não se encerra na constatação das especificidades da formação brasileira como folclore ou como pitoresco, muito menos como signo da falta ou inadequação da realidade concreta a categorias normativas.

Os textos aqui republicados foram produzidos ao longo de mais de trinta anos de atividade intelectual, docente e de pesquisa e estão agrupados em quatro grandes temas organizados em dois volumes. O volume “Sujeitos políticos na formação social brasileira” abarca dois grandes campos de sua produção, que dão título a duas seções internas: “Formação social e seus sujeitos” e “Trabalhadores, sujeitos (d)e direitos”. Já o volume II, ainda em edição e que será futuramente publicado nesta coleção, reúne textos sobre os campos de debates, que intitulamos “Movimentos sociais e direitos de cidadania” e “Direitos sociais, neoliberalismo e indistinção”, sendo este dedicado à sua produção mais recente.

1 O grupo *Embuscados* era formado por Maria Célia e seus orientandos do período final de sua atuação como docente da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Fizeram parte deste grupo Diego Azzi, Fábio Sanchez, Guilherme Nafalski, Joana Barros, Edson Miagusko, Fábio Candotti, Roberta Neuhold e Tatiana Maranhão.

2 PAOLI, M. C. O mundo do indistinto. In: OLIVEIRA, F.; RISEK, C. S. *A era da indeterminação*. São Paulo: Boitempo, 2006.

Com essa reunião, buscamos por um lado, recompor a trajetória intelectual desta importante pensadora e, ao mesmo tempo, trazer ao público textos que são referência para o campo de discussão no qual se inserem.

A Coleção comporta, além de textos selecionados de Maria Célia Paoli, comentários refletindo sobre os temas e questões tratados pela autora em sua trajetória, escritos por amigos e colegas de trabalho de Maria Célia; além de uma cronologia de sua produção intelectual e uma nota biográfica.

* * *

Na primeira parte deste volume, intitulada “Formação social brasileira e seus sujeitos”, retomamos textos nos quais a autora busca compreender as experiências diversas e ricas daqueles e daquelas que vivenciam tanto as práticas de espoliação e violência como a luta por constituir um mundo público.

Maria Célia sempre teve o pensamento social e político brasileiro entre seus horizontes de reflexão e interesse, oferecendo durante alguns anos cursos e disciplinas na Universidade sobre este tema e mantendo diálogo profícuo com os autores do pensamento social brasileiro em seus textos, alguns deles reunidos nesta coletânea.

Mas seu interesse não estava na condição de pesquisadora do pensamento social brasileiro (não que não o fosse) e sim centrado na tentativa, de um lado, de problematizar como a fala “dos outros” produzia e era produzida por um apagamento oficial das experiências e, por outro, justamente trazer à luz uma miríade e diversidade de experiências de diferentes sujeitos políticos que se constituem no campo conflitivo nacional. Neste sentido, seu debate sobre a formação social brasileira não é a busca de uma identidade petrificada ou unitária, formação não significa a busca das origens abstratas, as estruturas ou determinações, mas sim, inspirada em Thompson, o próprio fazer-se diverso dos sujeitos sociais (e políticos).

Esta parte referente ao tema sobre a “Formação social brasileira e seus sujeitos” é introduzida pelo texto de João Carlos Cândido, que foi orientando de Maria Célia Paoli, vindo a defender sua dissertação em 2002 sobre a sociologia paulista nas décadas de 1950 e 1960. Em seu texto de apresentação, intitulado “Maria Célia: um convite a ‘pensar sem corrimão’”, busca, por um lado, retomar como a discussão de Maria Célia Paoli sobre a formação social brasileira se estrutura em torno da questão da cidadania e, por outro, retomar as questões epistemológicas presentes em seus trabalhos.

O primeiro trabalho de Maria Célia Paoli selecionado para este volume é o texto “Memória, história e cidadania: o direito ao passado” escrito e publicado em 1992 quando Maria Célia Paoli ocupava o cargo de Diretora do

Patrimônio Histórico da cidade de São Paulo, na gestão de Luiza Erundina. Ali desenvolve uma concepção de história e memória (e, portanto, também da própria formação social brasileira) como “um espaço de sentido múltiplo, onde diferentes versões se contrariam porque saídas de uma cultura plural e conflitante” (PAOLI, p. 29 desta coletânea). É essa cultura como espaço de conflito que não apenas girará este texto, mas sua produção acadêmica sobre o tema de maneira mais geral. Texto curto e que serve nesta coletânea também para colocar as premissas político-teóricas de Maria Célia Paoli, articulando também a questão da memória e da cultura com a noção de cidadania (outro tema permanente de seus trabalhos), pois, como afirma, “isso aponta claramente para uma sociedade destituída de cidadania, em seu sentido pleno, se por essa palavra entendermos a formação, informação e participação múltiplas na construção da cultura, da política, de um espaço e de um tempo coletivos” (PAOLI, p. 30 desta coletânea). É a luta contra o apagamento da experiência dos “vencidos” (no sentido benjaminiano) e, portanto, das possibilidades democráticas contidas na noção de cidadania que os textos de Maria Célia nesta coletânea estarão girando.

O segundo capítulo deste volume intitulado “República: história e historiografia” é um texto inédito originado da transcrição de aula ministrada por Maria Célia Paoli entre o final dos anos 1980, início dos 1990. Com todas as imperfeições de um texto transcrito a partir de uma aula (nunca revisto pela própria autora), este capítulo traz com clareza o empreendimento intelectual e político com o qual Maria Célia Paoli com o qual estava envolvida e aponta os diálogos teóricos que vinha travando (não apenas ela, mas as ciências sociais e a historiografia brasileira) naquele período. A primeira parte do texto é toda dedicada ao balanço teórico-metodológico dos novos debates em pauta na historiografia e nas ciências sociais em diferentes contextos (francês, inglês, norte-americano, brasileiro) nas últimas duas décadas e que colocavam em xeque o estruturalismo, as teorias da modernização e qualquer tipo de análise totalizantes. A partir disso, Paoli afirma:

Sobretudo, e é esta realmente a grande ruptura que ocorreu, emerge com centralidade a noção de ator de história, a noção de sujeitos da história. Não o grande ator, mas a ideia de um ator múltiplo, que vive inclusive temporalidades múltiplas e que age realmente na história, não porque é portador de determinadas estruturas ou de certas determinações, mas sim porque tem um universo simbólico e conflitivo a partir do qual ele se coletiviza, enfrenta e age (PAOLI, p. 44 desta coletânea).

A partir disso e pensando o Brasil, Paoli constata que “a concepção intelectual que perpassava a historiografia brasileira sobre a República excluía realmente o que vinha a ser a população brasileira desta história, que no máximo aparecia como figurante” (PAOLI, p. 45 desta coletânea); consequência disto, aponta-se nesta literatura o país como “uma sociedade atrasada, vazia, heterogênia, desde o começo é cheia de corrupções, de irresponsabilidades, o povo é ignorante e o Estado não faz nada” (PAOLI, p. 48 desta coletânea). Desde a crítica a essa perspectiva, Paoli retoma os trabalhos então recentes (que envolve o dela própria, alguns presentes nesta coletânea) que buscaram mudar esta perspectiva, trazendo este “universo simbólico e conflitivo”, múltiplo, que constitui a história e a formação social brasileira.

O texto seguinte, intitulado “O sentido histórico da noção de cidadania no Brasil: onde ficam os índios?”, escrito em 1982 para uma mesa organizada pela Comissão Pró-Índio, no contexto de um Encontro da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), representa bem a proposta intelectual de Maria Célia. No texto, pensando o caso dos povos indígenas, Maria Célia constrói uma crítica à noção de cidadania no Brasil, que ela chama então de “cidadania adequada”. A crítica se dirige tanto ao pensamento conservador, que constrói um modelo de vida unitário e homogêneo pela sociedade nacional, mas também a crítica “progressista”, que ao criticar a violência e espoliação, acaba também por homogeneizar a condição de dominação, caindo no mesmo apagamento das experiências diversas que uma noção de cidadania libertária conteria. Como contraponto, Maria Célia, captando precocemente o espírito daqueles tempos ao observar e refletir sobre os movimentos sociais e ação coletiva, particularmente dos povos indígenas, retoma uma noção “revolucionária e libertária” de cidadania “como o direito à igualdade de expressão de interesses na esfera pública, como o direito à expressão da identidade, como promessa de representação no poder e, sobretudo, como exclusão do privilégio” (PAOLI, p. 68 desta coletânea). Nos parece impressionante como já aparece neste texto do início dos anos 1980, temas e campos de pesquisa que caracterizaram a sociologia e as ciências sociais brasileiras no período posterior a sua publicação e até hoje, como o tema da diferença e reflexões sobre a violência.

O tema da violência é inclusive o centro do texto que vem a seguir nesta publicação, intitulado justamente de “Violência e espaço civil”. O texto foi originalmente apresentado na Sessão Especial sobre a Violência no Brasil Contemporâneo, no V Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), em outubro de 1981, organizada por Renato Raul Boschi e coordenado por Fábio Wanderley Reis, na qual participaram, além da Maria Célia Paoli, Roberto Da Matta e Paulo Sérgio Pinheiro. O texto de Maria Célia é o encontro de pesquisas empíricas que vinha realizando desde a primeira metade dos anos 1970 sobre violência

e criminalidade com o debate sobre cidadania que representa este período do seu trabalho. Logo de cara, Maria Célia, como sempre foi de seu feitio, contesta as explicações fáceis e que impedem a reflexão. A violência não é resultado direto de uma estrutura histórica desigual, mas se relaciona com a experiência de sujeitos que vivem uma vida privatizada.

Por fim, fechando esta primeira parte sobre a formação social brasileira e seus sujeitos temos o texto “Amores citadinos e a ordenação no mundo pária: as mulheres, as canções e seus poetas”. Escrito a partir de uma provocação realizada por pesquisadores e estudantes da UFMG e publicado em 2004, o texto busca discutir a “figuração das mulheres, como párias à ordem da cidade, nas letras da canção popular brasileira?” (PAOLI, p. 81 desta coletânea). De maneira sensível, Maria Célia Paoli reconstrói a partir do samba e da “canção popular” vários fios que perpassam seus temas de preocupação política e teórica; o processo de urbanização segregadora, o apagamento da mulher e os bloqueios a sua liberdade, a relação entre público e privado, a pluralidade das formas de existência e experiência, entre outros temas. Os sambas publicizam e tornam públicas estas questões e o avanço de suas manifestações, fazem emergir uma fala que escapa ao controle das elites.

* * *

A segunda parte deste volume, intitulada “Trabalhadores, sujeitos de direitos”, retoma outro (ou será o mesmo?) fio constitutivo dos campos de reflexão e ação de Maria Célia Paoli: a temática do trabalho, dos trabalhadores e trabalhadoras, sua relação com o estado (totalitário) e a própria configuração de um mundo público do trabalho no Brasil.

Na verdade, este foi seu tema inicial de formação e esteve direta ou indiretamente presente em toda a sua trajetória, seja nos textos e obras escritas nas décadas de 1970 e 1980 de maneira mais direta, seja na orientação de inúmeras dissertações e teses sobre o tema do início ao fim de sua trajetória docente.

Seu mestrado, defendido em 1972, inserido nos debates sobre desenvolvimento e marginalidade, buscou, a partir de pesquisa empírica com trabalhadores de um bairro popular recém-constituído na Baixada Santista, trazer a dimensão simbólica e da cultura de trabalhadores incluídos no que então se chamava “mão de obra marginal”. Na ocasião já tematiza a heterogeneidade da classe trabalhadora brasileira e suas diferentes formas de elaborar suas experiências de exploração e espoliação.

Seus estudos sobre trabalho continuam em seu doutorado, iniciado em 1979 e defendido em 1987 e que teve como orientador o historiador Eric Hobsbawm. Intitulado *Labour, law and the state in Brazil*, Maria Célia Paoli busca re-

construir a luta dos direitos do trabalho no Brasil, mostrando que, diferente das interpretações correntes como concessão do Estado Novo, foram na verdade uma resposta à luta dos próprios trabalhadores e à consciência de seus direitos.

Nesta coletânea, trazemos alguns trabalhos representativos desta temática e deste campo de debates no qual Maria Célia Paoli teve um papel significativo na renovação dos estudos sobre o trabalho e sobre a história do trabalho no Brasil.

Apresentando o bloco “Trabalhadores, sujeitos de direito”, temos um ensaio escrito por José Sergio Leite Lopes. Professor titular do Departamento de Antropologia do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, José Sergio foi um interlocutor e amigo de Maria Célia Paoli. Como ele descreve em seu texto, ambos vinham encontrando em suas pesquisas, realizadas mais ou menos no mesmo período, questões e temas convergentes. Apesar de distintos, seus achados apontavam justamente para novas formas de interpretar a história do trabalho no país, trazendo a dimensão da cultura (em acepção thompsoniana) como elemento fundamental para a compreensão de como se configura o mundo do trabalho no Brasil. No texto desta coletânea, José Sergio Leite Lopes, de maneira cuidadosa e rigorosa, reconstrói o percurso de Maria Célia, contextualiza seus temas e contribuições para a temática, apresenta os textos presentes nesta coletânea e os coloca tanto para dialogarem entre si como com o contexto mais geral, destacando as inovações que Maria Célia Paoli (e sua geração de pesquisadores e pesquisadoras do trabalho) vinham empreendendo.

O primeiro texto de Maria Célia Paoli nesta seção, intitulado “Os trabalhadores urbanos na fala dos outros: tempos, espaço e classe na história operária”, foi publicado em 1987 – não por acaso o mesmo ano da defesa de seu doutorado e que tem com este grande relação – em uma coletânea organizada pelo próprio José Sergio Leite Lopes, intitulada *Cultura e identidade operária*. Contudo, Leite Lopes destaca na apresentação desta coletânea que a temática do artigo já vinha sendo apresentada por Maria Célia Paoli desde 1982 em encontros da ANPOCS.

Em “Os trabalhadores urbanos na fala dos outros”, além de Paoli reafirmar a heterogeneidade destes trabalhadores, busca em suas experiências a sua própria constituição como sujeitos coletivos. Sua tese central: os trabalhadores, longe de serem uma massa amorfa, possuem consciência jurídica dos direitos e se constituíam como classe a partir de seus próprios critérios no campo de conflitos estabelecido no período.

Este artigo se articula com outros escritos pela autora, durante a década de 1980, particularmente dois deles, frutos tanto de seu doutorado como de uma pesquisa coletiva que realizava com Eder Sader e Vera Telles. Desta pesquisa foram gerados os artigos “Pensando a classe operária: os trabalhadores sujeitos ao imaginário acadêmico”, escrito em conjunto com Eder Sader e Vera Telles, e o capítulo intitulado “Sobre classes populares no pensamento sociológico brasileiro:

notas de leitura sobre acontecimentos recentes”, redigido junto com Eder Sader e publicado em livro organizado por Ruth Cardoso.

Na sequência deste volume, “Trabalhadores e cidadania: experiência do mundo público na história do Brasil moderno”, publicado em 1989 na Revista do Instituto de Estudos Avançados da USP, compõe um dossiê sobre o centenário da República. Mas o contexto do texto e com o que ele dialoga vai além da data comemorativa: Maria Célia está escrevendo, pensando e refletindo sobre o que significaram aqueles anos 1980 para a República. No ano anterior havia sido promulgada a Constituição de 1988, conhecida como Constituição Cidadã – ela mesma consequência de uma década que parecia de ruptura com a história autoritária de nossa república, o que alguns chamaram da década das “invenções democráticas”. Paoli inicia o texto justamente apontando esta dimensão de ruptura.

É sobre a construção desta experiência de trabalhadores e trabalhadoras e das classes populares, sob a luz da construção democrática, que Maria Célia Paoli vai novamente se debruçar. Se por um lado estas classes populares vivem, interpretam, elaboram e buscam publicizar os conflitos em que estão envolvidas, por outro, o estado autoritário que constitui nossa República reprivatiza estes conflitos, não permitindo que se tornem objeto da política e não reconhecendo estes trabalhadores como sujeitos de direitos. Ainda que o Estado transforme os direitos em ação administrativa e despolitizada, Maria Célia Paoli mostra que as classes populares não são apenas objeto desta dominação, mas permanentemente se reinventaram (e se reinventam) nas brechas, questionando o poder instituído.

O texto “Família operária: notas sobre sua formação histórica no Brasil” é também fruto de uma comunicação, na década de 1980, e publicado dez anos depois na forma de artigo na revista *Tempo Social*. Nele, Maria Célia Paoli novamente trabalha com o tema da privatização, do silenciamento e apagamento de sujeitos; desta vez, está em tela o silenciamento e privatização da experiência da vida de mulheres e crianças que compunham a família operária. Apagamento operado pelo empresariado, mas também pelo próprio movimento operário e pela historiografia (mesmo de extração crítica) sobre o tema. Contrapondo-se a este silenciamento, Maria Célia traz à luz “o conhecimento das formas de organização familiar proletárias [que] indica uma ruptura da interpretação com o campo de problemas referido quase exclusivamente à ordem social institucional, e uma tentativa de apreender as práticas instituintes dos trabalhadores em distintos momentos de sua história” (PAOLI, p. 205 desta coletânea), demonstrando que não apenas o trabalho reprodutivo das mulheres, mas também a forma de configuração do capitalismo no Brasil no qual “a fábrica assalariava famílias, e não indivíduos” e por este mecanismo, o lugar das mulheres e das crianças na produção e na remuneração da família

fosse silenciado. Mais que isso, a família assume um papel fundamental tanto na forma de acumulação de capital num país como o Brasil, sendo elemento de controle e dominação e, também, de solidariedade. A família proletária, como espaço fundamental da experiência de trabalhadores e trabalhadoras, “é este coletivo genético, cultural e social que viabiliza a formação de uma classe social” (PAOLI, p. 217 desta coletânea).

Por fim, fechando este volume dos textos de Maria Célia Paoli, temos o texto “Os direitos do trabalho e sua justiça: em busca das referências democráticas”. Publicado em 1994, também na *Revista do Instituto de Estudos Avançados* da USP, agora em Dossiê sobre o Judiciário organizado por Sérgio Adorno, o texto dialoga diretamente com os anteriores, mas agora focando justamente como “a justiça proferida pela lei” foi construída no Brasil – “uma sociedade caótica, amorfa, sempre à beira de uma ruptura irremediável por falta de vocação de qualquer um de seus grupos sociais ao assumirem qualquer perspectiva universalista” (PAOLI, p. 230 desta coletânea). Com isto, ao invés de publicizar os conflitos e construir critérios do justo tendo por base referências democráticas, a justiça – e a justiça do trabalho no Brasil, que é seu foco – se constitui negando a existência de sujeitos políticos e colocando, no Estado, forte o papel de moldar e unificar uma sociedade conforme sua representação de “moderna”. Contudo, como mostra Maria Célia Paoli na parte final do artigo, “a sociedade que se formou sob sua referência enuncia seu desejo de autonomia e de redefinir a sua relação com as normas e regras estatais” (PAOLI, p. 231 desta coletânea). Com um olho nas redefinições do mundo do trabalho que já se vislumbrava na época, com a reestruturação produtiva e a flexibilização das relações de trabalho, e com outro na capacidade criativa e inventiva da classe trabalhadora, Maria Célia Paoli aponta potencialidades de mediações dos conflitos do mundo do trabalho tendo por base referenciais democráticos. Aqui, mais uma vez, vemos duas de suas características intelectuais: a capacidade de “captar” o espírito dos tempos de maneira crítica e a coragem de ver e ter esperança na constituição de sujeitos coletivos.

* * *

Longe de esgotar a obra de Maria Célia Paoli, esses volumes buscam trazer ao debate contemporâneo elementos para aquilo que a instigou à pesquisa e à reflexão, sobretudo as inquietações sobre por onde se faz a política e a construção de um mundo comum.

Esperamos que os leitores e as leitoras tenham a experiência de, com Maria Célia, entrar em contato com aquilo que caracteriza a sua obra: uma

reflexão e uma problematização de seu tempo que se configura como forma de ação política e de conexão com o mundo comum.

Como a própria obra e vida intelectual de Maria Célia, este livro de obras reunidas que agora os leitores podem folhear é fruto de um trabalho coletivo e se insere no conjunto de ações para tratamento de seu arquivo, hoje sob a guarda do Centro de Memória Urbana (CMUrb) da UNIFESP, em parceria com o Observatório das Desigualdades, Conflitos e Democracia da UFSCar. Esta publicação, ou mesmo o tratamento e a publicização da obra seminal de Paoli, não teria sido possível sem a generosidade de Mariana Paoli, única filha de Maria Célia, bem como de toda a sua família na figura da irmã Suzana Pinheiro Machado, que não hesitaram em nos franquear acesso ao material deixado por ela. Agradecemos a este gesto de confiança e toda a gentileza com que trataram este projeto de memória e de edição de sua obra.